

Agricultura em São Paulo

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Sumário:

População Rural e Abastecimento	1
Situação da lavoura	6
6ª Previsão de Safras	9
O Problema da Laranja	10
Preços no interior	14
Mercados e Preços	15
Situação da Pecuária	20
Aspectos da Situação dos fertilizantes em São Paulo	22
Suprimento de Inseticidas para a Defesa da Lavoura Algodoeira	28

A N O I Nº 4

J U L H O 1951

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA
ESTADO DE SÃO PAULO

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO
Boletim da Subdivisão de Economia Rural
Rua Anchieta, 41 - 6º andar, Caixa Postal, 8083

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
Chefe: Engº Agrº Ruy Miller Paiva

S E C Ç Õ E S

POLITICA DA PRODUÇÃO AGRICOLA

Engº Agrº Ruy Miller Paiva (chefe)
Engº Agrº Salomão Schattan

PREVISÃO DE SAFRAS E CADASTRO

Engº Agrº Mario Zaroni (chefe)
Engº Agrº Francisco Prudente Filho
Engº Agrº Oswaldo Baptista da Costa

MERCADOS E PREÇOS

Engº Agrº Rubens de Araujo Dias (chefe)
Engº Agrº Constantino Carneiro Fraga

ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RURAL

Engº Agrº Oscar J.T. Etori (chefe)
Engº Agrº Fernando S.Gomes Junier

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Engº Agrº Mario D. Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Engº Agrº Nelson Schmidt

SECRETARIA DA AGRICULTURA

São Paulo

Brasil

A POPULAÇÃO RURAL E O ABASTECIMENTO

No boletim anterior focalizamos a relação que existe entre a população rural do Estado e a produção agrícola, mostrando que a produtividade "percapita" variou, nestes últimos 15 anos, em torno de 1.119 quilos, em média. Embora seja uma das unidades da federação mais adiantada sob o ponto de vista da mecanização da lavoura, pode-se dizer que esta, ainda se acha no período infantil de uma prática que, mais cedo ou mais tarde, terá que se generalizar, tendo em vista o abastecimento da população urbana, sempre crescente. Esta que era em 1934 de 2.245.055 habitantes, passou para 4.632.082, em 1950, enquanto que a população rural que era de 4.188.272 apenas aumentou para 4.610.528. Para um aumento de 2.387.027 habitantes, nas zonas urbanas, houve, apenas, um aumento de 422.256 habitantes na zona rural. O crescimento da população urbana do interior, também já constitui problema sob o ponto de vista do abastecimento tão sério, como o da própria Capital do Estado tinha, 1.384.753 habitantes, dos quais 5% estava na Capital. De 1.900 a 1.920 passou a Capital a representar 10 a 12%, respectivamente, constituindo, hoje com os seus 2.041.716 habitantes, 22% da população do Estado.

POPULAÇÃO DA CAPITAL RELATIVAMENTE À DO ESTADO

<u>ANOS</u>	<u>ESTADO</u>	<u>CAPITAL</u>	<u>TAXAS</u>
1890	1.384.753	69.934	5%
1900	2.282.279	239.820	10%
1920	4.592.188	579.033	12%
1934	6.433.327	1.060.120	16%
1950	9.242.610	2.041.716	22%

Enquanto seu aumento de população foi de 122%, e o das cidades do interior 95%, a população rural aumentou, apenas, 10%.

	<u>1934</u>	<u>1950</u>	<u>AUMENTO</u>
POPULAÇÃO URBANA	2.245.055	4.632.082	2.387.027
POPULAÇÃO RURAL	4.188.272	4.610.528	422.256
T O T A L:	6.433.327	9.242.610(x)	2.809.283

Por aí se vê que a prosseguir indefinidamente o crescimento das cidades, haverá, ou um aumento progressivo do custo de subsistência e até mesmo, crise alimentar ou necessidade de se aumentar a produtividade do homem do campo, objetivo, por ora, somente realizável com o auxílio de máquinas e con

bustíveis de origem estrangeira. As estatísticas sobre o desenvolvimento da pecuária não fornecem elementos para se prever até quanto a produção de carne e leite poderia contribuir para contrabalançar a diminuição de áreas cultivadas nas regiões onde houve exodo da população rural. Sob esse ponto de vista podemos dizer que em apenas treis regiões houve aumento de população rural que constituem a extremidade do planalto, ou seja a Alta Araraquarense, Alta Noroeste, Alta Paulista e Alta Sorocabana. Toda a região central teve a sua população rural reduzida de 2.425.610 habitantes para 1.899.167 habitantes. Nestes, há Municípios como Rio Claro, que teve a sua população rural reduzida a 34% da que possuía há 15 anos atrás. Muitos outros Municípios como Araraquara (66%), Ribeirão Preto (65%), Itatiba (63%), Lins (59%), São João da Boa Vista (67%), Amparo (53%), Serra Negra (48%), tiveram suas populações rurais reduzidas. Como não se pode esperar para muito breve uma mecanização capaz de triplicar a produtividade do campo, é interessante fazer-se algumas considerações sobre a preponderancia do trabalho humano como fator de produção. Isso podemos observar, claramente, comparando os dados de produção de arroz, feijão, milho e batata nos anos de 1934/35 e 1947/48 de grupos de Municípios que tiveram as suas populações rurais diminuidas como se vê abaixo:

No grupo formado por Nazareth Paulista, Atibaia, Piracaia e Bragança, houve a seguinte redução:

	1934/35 (x)		1947/48 (x)	
	Ha.	Ton.	Ha.	Ton.
Arroz	2.815	4.109	2.275	2.430
Feijão	16.814	9.998	6.677	4.023
Batata	1.128	20.323	1.301	5.756
Milho	41.971	48.259	14.138	24.732
Totais	62.728	82.686	24.391	36.941

POPULAÇÃO RURAL

91.993 Hbts.

77.948 Hbts.

Em compensação no grupo de Municípios de Morro Agudo, Pontal, Jardinópolis, Miguelópolis, Igarapava, Ituverava e Quara, onde houve aumento de população houve também de produção.

	1934/35		1947/48	
	Ha.	Ton.	Ha.	Ton.
Arroz	10.776	23.722	19.304	37.950
Feijão	4.754	3.349	6.677	4.023
Milho	13.286	18.229	12.271	14.642
Totais	28.806	45.299	38.252	56.615

POPULAÇÃO RURAL

81.688 Hbts.

102.353 Hbts.

Nos Municípios de Iguape, Registro, Jacupiranga e El Dorado, onde, neste ano, se registraram casos graves de carência alimentar na população, a queda de produção foi acentuada:

	1934/35		1947/48	
	Hs.	Ton.	Hs.	Ton.
Arrôz	22.533	20.920	10.437	15.794
Feijão	5.306	3.832	3.342	2.062
Milho	12.031	19.773	5.918	7.483
TOTA IS	39.870	54.525	19.697	27.339
População rural	60.548 Hbts.		52.267 Hbts.	

No grupo formado por Jacareí, São José dos Campos, Jambeiro, Caçapava, São Bento do Sapucaí e Sta. Branca que se tornaram produtores de leite, a queda da produção foi a seguinte:

	1934/35		1947/48	
	Hs.	Ton.	Hs.	Ton.
Arrôz	15.307	23.207	8.225	10.248
Feijão	9.626	4.760	1.195	1.242
Milho	11.404	14.367	3.526	5.772
Batata	763	7.807	270	1.512
TOTA IS	37.100	50.141	13.216	18.774
População rural	72.497 Hbts.		63.318 Hbts.	

No grupo de Municípios: Cunha, Barreiro, Cruzeiro, Lavrinhas, Piquete, Areias e São Luiz do Paraitinga, cujo decréscimo da população não pode ser considerado muito grande e onde se instalaram muitos criadores vindos de Minas, verificou-se ligeiro aumento da área cultivada devido à contribuição da cultura do milho e da batata do Município de Cunha, que abastece os seus vizinhos e onde o decréscimo da população rural foi mínimo, pois de 20.900 caiu apenas para 19.300:

	1934/35		1947/48	
	Hs.	Ton.	Hs.	Ton.
Arrôz	2.174	2.064	482	1.415
Feijão	13.219	6.177	13.304	5.646
Milho	18.093	22.131	23.581	33.590
Batata	583	732	1.185	2.288
TOTA IS	34.069	31.104	38.552	42.939
População rural	61.583 Hbts.		57.853 Hbts.	

Entretanto, alguns grupos de Municípios em zonas que perderam população rural, apresentam aumento de produção. Isto que parece uma contradição, vem confirmar que a mecaniza-

ção da lavoura aumentando a produtividade do homem do campo e a fertilidade da terra assegurando maior renda, são capazes de suprir o aumento da população urbana. Isto aconteceu no grupo de Municípios do Setor de Ribeirão Preto e Bebedouro situados sobre as boas terras do planalto que oferecem condições favoráveis à cultura mecânica. Nos municípios de Monte Azul, Colina, Cajobi, Jaboticabal, Pirangi, Monte Alto, Bebedouro que tiveram a sua população rural bastante reduzida houve aumento de produção pelas razões acima citadas:

	1934/35		1947/48	
	Ha.	Ton.	Ha.	Ton.
Arrês	11.107	7.450	17.244	14.868
Feijão	6.736	3.223	12.773	6.412
Milho	23.109	25.431	21.210	37.875
TOTAIS	40.952	36.104	51.227	59.155
População rural	152.476 Hbts.		95.985 Hbts.	

É interessante notar que nesta região houve aumento tanto na produção de algodão como de café, de 7.348 ha. de algodão em 1934 passou para 18.466 ha. em 1948. A produção de café duplicou de 18.000 para 37.000 toneladas.

Para mostrar ainda que a produtividade da terra está intimamente ligada ao trabalho humano, podemos dizer que a diminuição da produção algodoeira da antiga zona central está mais ligada à diminuição de sua população do que a outros fatores.

O deslocamento da produção algodoeira verificou-se, justamente para a zona formada pelos Municípios dos setores em que houve aumento de população, isto é, nos setores de Presidente Prudente, Marília, Araçatuba e Rio Preto, que de 29.262 sacas de sementes de algodão semeadas em 1934/35, cultivam hoje 712.000 sacas em progressão crescente como se verifica no quadro abaixo:

SACAS DE SEMENTES DE ALGODÃO PLANTADAS (x)

ANOS	ZONA NOVA	ZONA VELHA	ANOS	ZONA NOVA	ZONA VELHA
1934/35	29.962	141.623	1945/46	311.914	259.224
39/40	225.337	451.691	46/47	417.381	338.444
40/41	258.216	433.130	47/48	330.813	153.500
41/42	282.571	404.485	48/49	445.982	162.425
42/43	339.058	427.380	49/50	677.307	224.341
43/44	374.324	463.065	50/51	712.814	217.159
44/45	428.923	460.514			

Se considerarmos que na cultura parcialmente mecanizada de um alqueire de algodão são necessários 138 dias de trabalho humano, podemos dizer que o cultivo dessa área de algodão dá ocupação a um habitante da zona rural. Nestas condições os 339.846 alqueires atualmente cultivados ocupam igual número de trabalhadores, em cuja dependencia, 1.000.000 de habitantes.

Outro facto que contribuiu para a diminuição da população rural, foi sem dúvida o desaparecimento de 600.000.000 de pés de café na zona velha. Em compensação a zona nova teve um aumento de quase 100.000.000 de pés:

Número de 1.000 cafeteiros:

	Zona Velha	Zona Nova	Total
1934/35	1.207.485	353.005	1.560.490
1950/51	654.033	439.213	1.093.246

Admitindo-se a necessidade de uma enxada para cada 3.000 pés, pode-se concluir que 200.000 braços ficaram desocupados com o citado desaparecimento dos 600.000.000 de pés de café na zona velha, consequência da crise cafeeira de 1929.

O deslocamento da população rural da zona velha para a zona nova, arrastando consigo a produção do algodão, pode ser comprovada pelo aumento crescente do número de culturas feitas por arrendatários, já não se falando de proprietários da zona nova como se segue:

NÚMERO DE PLANTADORES DE ALGODÃO

ANOS	PROPRIETÁRIOS		ARRENDATÁRIOS	
	ZONA VELHA	ZONA NOVA	ZONA VELHA	ZONA NOVA
38/39	10.048	5.689	30.862	16.502
39/40	19.242	13.937	45.095	33.267
40/41	21.806	16.799	34.476	34.960
41/42	22.314	19.002	38.895	23.288
42/43	24.219	21.429	41.230	30.399
43/44	16.581	19.970	32.991	26.162
44/45	22.102	22.837	29.555	21.657
45/46	18.042	14.449	20.129	11.570
46/47	23.111	20.706	22.124	9.706
47/48	16.143	15.678	14.942	6.680
48/49	21.825	18.434	14.545	7.388
49/50	23.765	24.781	20.576	10.651

Infelizmente as estatísticas não são suficientemente completas para esclarecer a área ocupada pelos arrendatários pois que muitas delas ainda figuram como de proprietários em nome dos quais são adquiridas as sementes.

Se de um lado o afluxo e aumento da população urbana traz a necessidade de habitações e o aumento dos alugueis nas zonas urbanas, o mesmo sucede no que se relaciona as taxas de arrendamento, que vem se tornando mais elevadas na zona nova.

Esses pontos merecem acurado estudo na elaboração de qualquer projeto tendente à fixação da população rural, seja elemento nativo seja do imigrante.

SITUAÇÃO DA LAVOURA NO MÊS DE JUNHO

Algodão: O tempo decorreu favorável ao prosseguimento da colheita, frio e seco, com exceção dos primeiros e últimos dias do mês com leves chuvas de curta duração. Até o dia 30 o volume colhido atingia a 72% da safra prevista anteriormente. Entraram nas máquinas 28.658.600 arrobas em caroço.

Nas zonas Alta Paulista, Alta Sorocabana, Alta Araraquense e Noroeste, formadas pelos setores de Marília, Presidente Prudente, Araçatuba e Rio Preto as entradas de algodão nas máquinas correspondem as informações dos agrônomos regionais de que a colheita acha-se próxima do seu término e que o total previsto para aquelas zonas será alcançado. Essa região que representa 70% da área algodoeira cultivada do Estado deveria produzir 26.287.000 arrobas, já recebeu 20.777.000 arrobas, ou sejam 61% do previsto. É possível que nesta última zona haja muito algodão em trânsito de um Município para outro e certo a trazo nas colheitas. Caso não se verifique esta última hipótese presume-se tenham sido otimistas os cálculos de áreas e rendimentos.

Café: Embora bastante frio não houve prejuízo para os cafeeiros, salvo ligeiros efeitos dos ventos sul e geadas fracas nos Municípios de Ourinhos, Botucatu, Santa Cruz, Franca e Mogi-Mirim. A colheita assume maior intensidade estando praticamente no fim em Tanabi, Votuporanga e José Bonifácio. Está mais atrasada em Tatuí e Itapetininga. Os primeiros cafés beneficiados por 40 quilos em côco, segundo informações de 14 regiões. Entretanto em Ourinhos, Bauru, Botucatu, Agudos e Santa Cruz do Rio Pardo, esses rendimentos são melhores—18 a 20 quilos.

Segundo os relatórios de 49 regiões, agora é que se manifestam mais intensos os efeitos do ataque do Bicho Mineiro, cuja propagação se mostra mais intensa nas zonas mais atingidas pela seca, ou melhor, cuja humidade do solo acha-se reduzida em consequencia dos maus tratos a cultura e qualidades de terra. Não se registraram ataques dessa praga nos Municípios de Xavantes, Ourinhos, Leme, São Manoel, Agudos, Botucatu, Baruu, Getulina, Amparo, Itu, Bragança, Santa Rita, Araras, Casa Branca, Votuporanga e Tanabi. Contra essa praga, cujo ataque é mais intenso em Florida Paulista e Presidente Prudente, observam os relatórios que o melhor combate seria a adubação organica intensiva, como se está procurando proceder com a aplicação de " composto ", em Penapolis, São Carlos, Franca e em muitas regiões.

O ataque de broca é pequeno porém já se nota em Araçatuba, Botucatu, Santa Cruz, Ourinhos, Agudos, Cafelandia, Duartina, Pinhal, Leme e São Simão.

O ataque de " cercospora " é notado com muita intensidade em Cafelandia, Lucélia, Iacanga, São Simão, Dois Corregos e Franca. Em Marilia e Garça é de certa forma notavel o ataque de " acaros " e em São Simão e Rifaina e de " caramujos ".

Há grande interesse pelo plantio, havendo preferencia pelo " borbon vermelho " e " caturra ". Em outros lugares preferre-se o " sumatra Pindorama ". Prevê-se, de um modo geral que as condições dos cafeeiros são favoráveis a uma futura safra mais volumosa, com exceção das regiões onde o ataque do bicho mineiro é intenso, principalmente no caso de estiagem.

Em algumas regiões como Votuporanga, Fernandopolis e São Simão, nota-se sinais de próxima florada.

Apenas cinco relatórios mencionam preços pagos pela colheita do café, que de um modo geral vão de 30 a 50 cruzeiros para os empreiteiros e 10 a 15 para colhedores.

A safra prevista continua a ser a mesma, isto é,.....
7.397.424 sacas.

Cana: Teve início o corte de canas. O tempo decorreu favorável para a colheita, mas não deixou de prejudicar um pouco as novas culturas. O interesse pelo plantio cresce dia a dia registrando-se mais cinco ou seis iniciativas para a instalação de novos engenhos e uma usina. Os relatórios mencionam a necessidade da melhoria das variedades usadas no litoral norte - Ilha Bela - que produz cerca de 400.000 litros de aguardente. Na atual conjuntura o cultivo da cana tende a estender-se fundindo-se em uma só as zonas de Piracicaba, Araraquara, Cosmopolis, Santa Rita, Capivari, etc.

Cereais: Foram concluídas as colheitas de milho cujos preços, confrontados com os do arroz, levam a crer que haverá maior interesse para o seu plantio no próximo ano. Em 48 regiões agrícolas, abrangendo 54 Municípios os engenheiros agrônomos regionais falam de diversas maneiras do descontentamento reinante contra os preços do arroz em casca, havendo perspectiva de grande redução no cultivo. Apenas 23 regiões mencionaram os preços sem comentários, porém são estas as mais afastadas. Em duas apenas, Novo Horizonte e Tatuí mencionam o relativo interesse para o plantio do arroz no próximo ano. A colheita está praticamente terminada com exceção de algumas plantações irrigadas no Vale do Paraíba.

Batatinha: Acha-se terminada a colheita ao sul do Estado, havendo preparativos para novos plantios. Teve início a colheita em S. João da Boa Vista, Pres. Prudente, Pompeia e Taquaritinga. Foi iniciado o plantio em Franca, S. José dos Campos e Taubate. Verifica-se que o cultivo da batatinha em S. Paulo ocorre em diversas épocas em todas as regiões, diminuindo a importância dos grandes centros batateiros, com a sua deslocação para novas regiões.

Feijão: Terminada a colheita grande interesse para o próximo plantio.

Amendoim: (seca) Quasi todo colhido, com pequena exceção de parte da região de Pompeia.

Mandioca: Teve início o arrancamento de raízes para fins domésticos e industriais. Reina desinteresse para novos plantios.

Fruticultura: Prossegue a colheita de citrus para o consumo interno e exportação. Há grande movimento no sentido de se renovarem os pomares, tendendo para diversificação das variedades, tendo em vista o mercado interno. Continuam os preparativos para a formação de novos pomares na zona vitivinícola de Salto, Amparo e Jundiáí.

Processa-se a formação de novos pomares de frutas de clima frio, na região Serrana.

Olericultura: Quase terminada a colheita do pimentão em Capivari. Prossegue os tratamentos culturais dos tomateiros e colheita para o consumo interno. Última-se o transplante da cebola e fazem-se tratamentos culturais nas regiões de Itu, Bragança e Sorocaba e em diversos outros de menor importância.

E T O R E S	Nº de municípios que compõem o Sater	C A F É		A L G O D ã O		M A M O N A		F E I J ã O (sêca)		B A T A T A (sêca)	
		Nº de mil pés	Ses. 60 qts. benef.	Área (alqs)	Arrebas em sacos	Área (alqs)	Sacos (50 qts)	Área (alqs)	Sacos (60 qts)	Área (alqs)	Sacos (60 qts)
Aracatuba	16	76.358	579.730	56.115	4.817.600	350	19.200	1.000	25.000	-	-
Araraquara	16	76.430	431.300	14.320	1.065.000	500	20.500	1.870	47.900	-	-
Araricá	28	88.579	820.750	9.520	906.400	890	46.640	700	36.250	248	56.200
Aururu	18	146.800	1.332.860	21.237	1.761.819	450	19.500	835	39.520	80	16.500
Bedoide	16	62.628	317.860	14.094	1.556.340	2.610	94.400	900	22.500	-	-
Campanas	24	42.500	261.945	12.857	1.363.900	-	-	805	13.060	536	89.140
Capetininga	20	3.096	17.802	10.621	963.050	12	720	590	15.680	251	68.200
Carajás	10	65.578	438.750	3.414	242.190	440	91.700	870	19.000	-	-
Carilândia	22	180.244	1.121.316	76.990	6.285.688	963	60.850	2.843	112.305	837	201.650
Caracaciaba	18	11.859	101.540	11.050	920.120	-	-	2.066	36.250	238	60.150
Caracununga	19	41.682	243.301	14.394	1.316.100	-	-	3.760	46.100	1.215	108.050
Caras. Prudente	22	39.910	296.413	151.200	11.173.000	3.990	223.500	1.910	60.500	7.788	1.335.750
Caribeirão Preto	31	95.175	539.000	27.757	2.904.280	582	24.450	4.790	162.350	35	9.000
Car. J. Rio Preto	34	142.701	786.603	55.541	4.095.739	-	-	5.307	122.430	-	-
Car. Paulo	42	15.515	90.067	1.192	114.199	-	-	1.782	50.707	982	246.437
Car. Uberlândia	33	4.191	18.187	-	-	-	-	1.019	24.550	10	2.000
T O T A I S ...	369	1.093.246	7.397.424	480.302	39.485.425	10.787	595.460	31.047	834.102	12.220	2.193.077

Dados fornecidos pelos Agrênemes Regionais da Seção de Regiões Agrícolas.

NOTA:- Arrês	204.488 alqs.	12.720.450	ses. 50 qts.	Menta	3.074 alqs.	552.800	quiles
Milho	308.746 "	17.924.799	" 60 "	Alfafa	1.193 "	19.795	toneladas
Amendoim (águas) ..	48.699 "	5.883.086	" 25 "	Fume em Corda ..	2.247 "	119.000	arrebas
Amendoim (sêca) ..	23.112 "	1.881.420	" 25 "	Ramie	221 "	615.000	quiles
Mandioca	17.584 "	666.433	toneladas	Feijão (águas) ..	47.752 "	1.198.660	ses. 60 qts.
Canas de açúcar ..	76.648 "	8.436.222	"	Batata (águas) ..	7.675 "	1.808.710	" 60 "
Banana	22.583.000 toneladas	20.531.935	sacos	Cebola	2.218 "	1.524.124	arrebas
Sója	268 alqs.	10.609	ses. 60 qts.	Tomata	3.741 "	2.471.380	saxas
Gergelim	731 "	86.635	" 60 "	Laranja	3.443.315	pés	2.864.750
Trigo	1.539 "	2.733	toneladas	Uva	6.172.909 "	9.341.200	quiles
Chá	18.000.076 pés	776.000	quiles				

O PROBLEMA DA LARANJA

Damos a seguir um extrato com dados atualizados, da palestra feita pelo Snr. Silvio Moreira chefe da Secção de Citricultura do Instituto Agronômico de Campinas.

A produção mundial de laranjas e tangerinas tem aumentado de forma irregular e foi estimada em 266 milhões de caixas para o ano de 1949 (Foreign Crops and Markets)-Quadro I. Podemos ver nesse mesmo quadro que a produção brasileira, que era de 4 milhões de caixas em 1925, passou a 12 milhões em 1930 e a 36 milhões em 1940. Daí para cá a produção declinou lentamente sendo de 30 milhões de caixas a estimativa para 1949.

Foi principalmente a São Paulo e ao Rio de Janeiro que se deveu a rápida expansão da produção brasileira de laranjas na década de 30. A causa fundamental desse aumento de produção foi a possibilidade de exportação, que em São Paulo se associou a necessidade de uma cultura econômica em substituição ao café, cujos preços não mais eram remuneradores.

Diante das condições favoráveis, os Governos Federal e Estadual fomentaram a produção de laranjas, concedendo facilidades aos intermediários. O governo do Estado de São Paulo fez mais. Através do Instituto Agronômico, estudou os problemas propriamente agronômicos criando variedades e associações mais produtivas, mais resistentes às moléstias conhecidas e cujos frutos tinham maior aceitação no mercado internacional.

Com a guerra, depois de 1940, as exportações brasileira e paulista caíram precipitadamente. Com isso foi abandonada a maioria dos pomares paulistas, que foram dizimados pela "tristeza". São Paulo tinha 8 milhões de árvores em 1940, das quais 4 milhões em franca produção; temos hoje 2.359 milhões de árvores dos quais um milhão em franca produção. Nossa exportação foi de 2.790.653 caixas em 1939 passou em 1950 a 317.390 caixas.

Após o término da guerra não se exportava porque os importadores estavam em situação econômica difícil e depois não pudemos aumentar nossa exportação por deficiência de produção.

Trata-se pois, aparentemente, de uma questão de aumento de produção, se não levarmos em consideração que nosso comércio de laranjas com a Europa sempre se faz na base de "compensação" e que essa modalidade de exportação está atualmente abolida.

Há fatores importantes, psicológicos e materiais, que se contrapõe à expansão de citricultura em nosso Estado, impedindo que nossa produção volte ao que era antes de 1940.

Assim é difícil que, os lavradores obrigados a lançar fora sua produção de 1942, 43 e 44 e que viram seus pomares abandonados e dizimados pela "tristeza", se proponham novamente a inverter capitais e trabalho neste ramo da produção.

Áreas do Estado que foram importantes para a citricultura como Piracicaba e Limeira, passaram a cultivar cana e sabemos que nas condições atuais a cultura da cana é mais rendosa que a de laranja.

Contudo, acreditamos no desenvolvimento de nossa produção citrícola devido aos atuais preços que são considerados bons, aproximadamente o triplo dos preços vigorantes em 1940. Mas os resultados dos trabalhos que se iniciam agora só produzirão frutas dentro de alguns anos ou lustros, porque a laranjeira só atinge uma produção regular depois de oito ou dez anos de semeadura.

A consolidação econômica da citricultura no Estado liga-se intimamente à redução (absoluta ou relativa) do custo de produção, que possivelmente a libertaria do regime de comércio de compensação. Isto permitiria exportações normais de nossa fruta para os mercados europeus, coisa que atualmente só é possível para os mercados platinos.

Tal abaixamento do custo de produção poderá dar-se através de melhoria na "técnica" com conseqüente aumento da produção. A maioria dos problemas de técnica já encontraram solução adequada, e atualmente o Instituto Agrônomico estuda os problemas de adubação, irrigação e o combate à mosca da fruta.

Outras formas de abaixamento do custo seriam:-

- 1)- reduzindo o custo da muda, cujo valor atual é de Cr. \$10,00 e que o lavrador poderia produzir por

Cr.\$4,00 ou Cr.\$5,00. Mas essa economia implica numa perda de 3 anos, e isso representa algumas caixas de frutas cujo custo unitário é atualmente de Cr.\$20,00;

- 2)- consociação de culturas na época de formação do pomar, o que viria aliviar o seu custo;
- 3)- depois de formado o pomar, as maiores despesas consistem na colheita, embalagem e transporte e é onde acreditamos se poderia fazer as maiores economias.

Mas estas operações ficam geralmente a cargo do comerciante e este, provavelmente devido a seus grandes lucros, tem-se interessado pouco na melhoria de seus trabalhos.

De qualquer forma, há grande discrepância entre o preço pago aos lavradores e os do atacado em São Paulo e isto é característico de uma organização comercial deficiente auxiliada por uma rede de distribuição ainda mais deficiente. Seria necessário portanto atrair para este ramo de comércio, capitalistas capazes de reduzir a margem citada e estender o período de suprimento de frutas ao mercado por meio da instalação de frigoríficos, nos centros de produção e na Capital.

Uma outra forma de se consolidar a citricultura no Estado seria o aumento da industrialização da laranja. O aproveitamento industrial da laranja teve progressos revolucionários nos últimos anos. Atualmente os industriais da laranja na Florida, E.U. podem pagar preços maiores do que os correntes no mercado para a fruta fresca. Não devemos descurar essa possibilidade para nós.

QUADRO I

LARANJA

ANOS	PRODUÇÃO EXPORTAÇÃO		B R A S I L		S Ã O P A U L O		CAPITAL Consumo mil cxs.	EXPORTAÇÃO mil caixas
	MUNDIAL mil cxs.	MUNDIAL mil caixas	PRODUÇÃO mil cxs.	EXPORTAÇÃO mil caixas	Nº DE PÉS mil pés	PRODUÇÃO mil cxs.		
1925	-	-	4.000	406	-	-	-	-
1930	-	-	12.000	812	-	-	-	-
1934	-	m 49.569	32.914	2.632	-	15.397	-	-
1935	m212.897	m 49.569	32.753	2.640	-	14.360	-	-
1936	m212.897	m 49.569	34.889	3.217	-	-	-	1.291
1937	m212.897	m 49.569	32.453	4.971	-	10.566	-	2.169
1938	m212.897	m 49.569	34.374	5.487	-	11.055	-	2.226
1939	m212.897	-	34.256	5.632	-	12.000	-	2.791
1940	m256.331	39.104	36.360	2.858	-	12.000	-	788
1941	m256.331	30.220	36.079	1.950	-	13.000	1.134	227
1942	m256.331	22.974	35.423	1.281	-	12.700	1.452	178
1943	m256.331	17.018	35.556	1.342	7.400	12.200	1.429	229
1944	m 256.331	20.290	32.714	1.271	7.400	10.158	1.608	275
1945	m250.271	23.127	28.621	1.397	5.400	7.264	1.146	133
1946	257.337	27.935	29.955	2.768	4.500	6.747	1.409	515
1947	274.016	33.452	-	1.703	4.500	5.930	1.365	496
1948	265.641	36.407	31.600	2.845	2.901	3.669	1.350	370
1949	265.570	41.319	30.000	2.606	2.498	2.606	638	316
1950	-	-	-	3.457	2.359	3.457	856	317

LEVANTAMENTO ECONÔMICOS DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES
MÊS DE JUNHO DE 1951^x

POR SETORES AGRÍCOLAS	ARRÔS		FEIJÃO MILHO		CAFÉ		ALGODÃO EM CAROÇO	AMENDOIM MAMONA		BATA
	Em casca So. 60 Ks	Benef. 60 Ks.	So. de 60 Ks.	Ses. Em 60 Ks	So. 40 K	Beneficio. So. 60 Ks	Por Arroba	Em casca So. 25 Ks	Per Quile	So. 60 K
Araçatuba	95,90	166,80	159,60	63,00	288,80	1.060,50	106,50	54,40	4,21	195,00
Araraquara	104,20	181,30	173,10	68,90	300,00	1.140,00	110,00	57,30	4,50	240,00
Avaré	85,90	174,20	162,60	65,30	312,20	1.031,80	104,50	-	4,03	171,00
Baurú	107,10	184,70	175,40	64,60	290,80	1.027,80	107,40	53,00	4,14	231,00
Bebedouro	101,70	189,40	165,60	66,60	296,80	1.059,10	109,50	52,60	4,24	206,00
Campinas	116,00	181,40	176,90	77,60	291,60	1.043,00	116,70	65,00	-	231,00
Itapetininga	92,60	181,20	165,40	66,10	-	-	103,40	55,00	-	218,00
Jaú	109,60	190,60	178,40	70,50	-	-	113,20	-	-	245,00
Marília	104,60	176,80	148,20	64,20	274,10	1.009,80	105,00	55,20	3,98	190,00
Piracicaba	109,90	182,70	173,40	72,50	291,00	930,80	115,10	60,00	-	220,00
Pirapunganga	101,60	172,70	183,70	68,10	308,70	996,70	114,10	56,70	-	200,00
P. Prudente	99,80	169,80	154,70	58,00	296,60	1.057,30	103,20	49,50	3,79	192,00
Rib. Preto	105,50	189,40	167,00	67,90	291,80	1.031,80	107,10	51,60	4,28	175,00
S. João Preto	96,60	156,90	122,60	62,80	303,10	1.070,40	104,90	49,80	3,69	245,00
São Paulo	83,80	183,70	172,50	77,30	250,00	800,00	-	-	-	226,00
Taubaté	94,60	171,50	160,00	87,90	-	-	-	-	-	250,00
Preço médio do Estado JUNHO 1951	100,20	175,60	162,00	67,90	294,00	1.037,30	106,20	52,50	4,10	209,00
Idem Maio 51	99,90	172,40	190,80	67,50	312,90	1.085,20	141,90	52,80	4,07	200,00
" Abr 51	93,00	172,80	170,00	68,00	310,50	1.080,50	126,40	53,70	3,99	183,00
" Mar 51	97,50	172,70	162,00	66,60	313,20	1.085,40	134,80	50,80	3,91	160,00
" Fev 51	97,80	174,00	148,50	66,10	318,00	1.096,20	-	59,50	3,61	135,00
" Jan 51	102,70	178,60	128,50	65,50	316,10	1.076,60	-	65,60	3,34	115,00
" Dez 50	104,70	182,00	132,00	62,10	304,60	1.032,30	-	84,50	2,93	173,00
" Nov 50	111,40	193,40	137,30	61,60	311,80	1.056,60	-	99,80	2,65	240,00
" Out 50	125,50	207,10	139,30	58,30	336,40	1.133,00	80,60	93,70	2,86	214,00
" Set 50	125,80	209,50	135,00	56,10	353,20	1.165,60	79,90	90,70	2,90	199,00
" Ago 50	117,10	197,10	130,30	53,00	334,20	1.096,50	82,50	88,90	2,16	198,00
" Jul 50	104,90	179,10	127,90	49,90	316,50	1.043,30	79,60	72,10	2,02	190,00
" Jun 50	108,60	182,50	130,60	50,70	278,00	932,50	73,20	54,90	1,96	208,00

(x) Dados de Junho sujeitos a revisão superior. Coletados pela Seção de Mercados e Preços

MERCADOS E PREÇOS

Café: O retraimento dos compradores persistiu em junho, sendo esta a principal causa do reduzido movimento observado na praça de Santos. Durante o mês, as exportações atingiram 428.121 sacas sendo que em maio foram exportadas 645.216 e a média mensal dos cinco primeiros meses deste ano foi de 651.600 sacas. Com as exportações de junho, encerrou-se a safra 50/51, na qual foram exportadas por Santos 8.505.148 sacas ou seja 1.130.690 a menos que a exportação na safra passada.

A exportação do País, na safra ora encerrada cifrou-se em 16.592.765 sacas, volume este bastante próximo ao da estação anterior quando foram exportadas 16.934.691 sacas.

Mesmo com as exportações reduzidas, a posição estatística do produto é atualmente melhor que a do ano anterior, pois a redução no volume produzido fez baixar as disponibilidades existentes de café. Com efeito, ao iniciar-se a safra 51/52 era a seguinte disponibilidade provável, de café exportável, tanto nos portos como no interior:

I - Café disponível para a exportação em 30 de junho de 1950:	Sacos de 60 Kg.
Nos portos	2.325.817
No interior	3.501.854
Total:	<u>5.827.671</u>
II - Café despachado para os portos durante a safra 1950/51	16.632.108
III - Suprimento total na safra 1950/51	22.459.779
IV - Distribuições:	
Exportação para o exterior na safra 1950/51	16.592.765
Exportação cabotagem	363.950
Consumo nos portos de exportação	493.321
Total:	<u>17.450.036</u>
V - Disponibilidade em 30 de junho de 1951:	
Suprimento - Distribuição	5.009.743

Como vemos, essa disponibilidade (5.009.743) é inferior

as existentes em igual data dos três últimos anos que foram:				
Em	30 de junho de	1948	5.190.618 sacas
"	"	"	"	1949 6.849.235 "
"	"	"	"	1950 5.827.671 "

Considerando-se que a safra ora iniciada será aproximadamente igual à passada e portanto pequena, chegaremos a conclusão de que a posição estatística do produto continua a ser boa.

Contrariando essa situação que tende a firmar o mercado, observa-se o retraimento dos compradores, o qual, é em parte apoiado na fixação do preço teto e que pode eventualmente ser reforçado pelo movimento de baixa nos preços de muitas matérias primas. A não ser que sobrevenha uma série de circunstâncias favoráveis à atual atitude dos importadores, acreditamos que essa retração terá que ser modificada, dando lugar ao maior interesse dos compradores pelo nosso café.

No interior do Estado o preço médio recebido pelos lavradores sofreu em junho acentuada baixa atingindo Cr. \$ 1.037,30 para o café beneficiado e Cr. \$ 294,00 para o produto em coco. No mês anterior, esses preços foram respectivamente Cr. \$ 1.085,20 e Cr. \$ 312,90.

Algodão: No transcorrer de junho acelerou-se a queda nas cotações de algodão paulista. O tipo 5 no disponível que estava cotado a Cr. \$ 367,00 por 15 quilos no dia 1º, encerrou o mês a Cr. \$ 300,00. No termo também se registraram grandes baixas. Entre o início e o fim do mês, foram acusadas as seguintes quedas: julho, Cr. \$ 60,00; outubro, Cr. \$ 65,20; dezembro, Cr. \$ 67,00; janeiro, Cr. \$ 70,50; março, Cr. \$ 48,00.

Si no início dessa baixa, iniciada em março, foi preponderante a ação dos fatores indiretos ou secundários como a situação política internacional, a especulação, as dificuldades financeiras, etc., já agora, é preciso admitir que estão atuando no mercado, fatores econômicos mais fundamentais. Com efeito a posição estatística do produto sofreu profunda alteração. Duma crítica escassês mundial do algodão passar-se-á muito provavelmente para uma situação capaz de atender o atual consumo. A principal causa dessa modificação reside no volume da safra norte-americana, a iniciar-se em 1º de agosto vinodouro. O programa governamental norte-americano de colher 16 milhões de fardos nessa safra, teve pleno sucesso e foi mesmo ultrapassado. As maiores probabilidades recaem agora em tór-

no duma safra de 17 milhões não sendo surpresa que atinja a casa dos 18 e até a supere. Aguarda-se ainda, pequeno aumento na safra de outras áreas produtoras. Em resultado disso, prevê-se uma produção mundial superior ao consumo em mais de 3 milhões de fardos, ao passo que na estação prestes a findar, houve um "deficit" de aproximadamente 5 milhões de fardos na produção. No entanto, deve-se frizar que o "deficit" registrado na produção da safra 50/51, teve que ser coberto a custo do estoque remanescente. Isto fez com que o "carry-over" mundial atingisse o menor nível destes últimos 20 anos.

Assim mesmo com o aumento esperado na produção, prevê-se que o "carry-over" em 1^o de agosto de 1952, continuará pequeno. Verifica-se pois que a posição estatística, embora deixando de ser excepcional ainda pode ser considerada como satisfatória.

Afim de procurar situar a posição do algodão paulista no cenário mundial passamos a expor os pontos que a nosso ver contrariam ou favorecem a situação atual do nosso produto. Algumas dessas causas são passageiras, possíveis de rápidas modificações ao passo que outras se apresentam com características mais duradouras.

Como fatores contrários podemos citar:

- a) o volume da safra norte americana de 51/52, prestes a entrar no mercado;
- b) indícios de que a política algodoeira dos EE.UU. se orientará no sentido de exportar todo o excesso da produção, mantendo para 1952 um "carry-over" cujo volume seja o estritamente indispensável. Nesse caso, seria possivelmente abolido o sistema de quotas para exportação, ficando a disposição dos países importadores uma quantidade de algodão provavelmente superior ao volume exportado em qualquer dos últimos 17 anos. A simples abolição das quotas, permitindo maior flexibilidade ao comércio, facilitaria também as exportações;
- c) bons estoques existentes em alguns dos principais países importadores, notadamente Inglaterra e Japão;
- d) redução momentânea do consumo, registrada principalmente nos EE.UU.;
- e) perspectivas de melhoria na situação política internacional;
- f) tendência atual de baixa nos preços de muitas matérias primas.

Vejamos agora os pontos que poderão militar em favor do algodão paulista.

- a) o valor que o dolar representa para os países importadores de algodão. Em igualdade de preços e até mesmo com um certo ágio do algodão paulista sobre o americano, pode constituir vantagem para aqueles países, a compra do produto em São Paulo;
- b) certas possibilidades que existem do governo norte-americano resolver aumentar o " carry-over ", futuro, como medida de precaução. Neste caso, as sobras exportáveis seriam menores;
- c) manutenção do programa de mobilização das forças do Ocidente, a despeito da melhoria na situação política internacional.

Dêste balanço, constata-se que são mais numerosas e fortes as forças que atuam contra o ágio do algodão paulista sobre os seus similares. A manutenção desse ágio, embora seja possível, pelo concurso de circunstancias favoráveis e pelo fato da posição estatística mundial tender ao equilíbrio é en tretanto pouco provável.

Quanto aos preços do algodão em carço no interior do Estado, não tardaram eles, a sentir os reflexos dos acontecimentos ocorridos com o algodão em pluma. Registrou-se grande baixa nos preços do produto, sendo de Cr. \$ 106,20 por arroba, o preço médio recebido pelos lavradores no mês de junho, ou seja inferior em Cr. \$ 35,70 aquele vigente em maio. Essa gran de baixa foi acompanhada de enorme retraimento nas transações, contribuindo para criar um ambiente de geral apreensão nos círculos interessados.

Arroz: Em junho, o preço médio alcançado pelos lavradores pelo produto em casca foi de Cr. \$ 100,20, muito próximo do preço de maio, que foi de Cr. \$ 99,90. As exportações pelo porto de Santos atingiram 4.323 toneladas de arroz beneficiado e 2.457 de fragmentos de arroz. Durante o primeiro semestre deste ano, as exportações de arroz beneficiado alcançaram 8.030 toneladas e as de fragmentos de arroz 32.850.

Há indícios duma pequena melhoria no mercado dêsse produto.

Feijão: A colheita da safra da sêca, fez sentir seus efeitos sobre o preço dêsse produto, que se achava em altos níveis. O preço médio recebido pelos lavradores foi em junho

de Cr. \$ 130,60 acusando portanto uma queda de Cr. \$ 28,80 em relação ao mês anterior. É de se assinalar entretanto, que o preço médio de junho é ainda superior ao do mesmo período do ano passado em Cr. \$ 31,40.

Milho: Em junho, o preço médio alcançado pelos lavradores no interior do Estado foi de Cr. \$ 67,90 ligeiramente superior ao verificado em maio. O mercado continua firme devido principalmente ao fato de não ser grande o volume da presente safra e também pelas grandes exportações registradas por Santos. Assim, em junho foram exportadas por esse porto 21.602 toneladas, fazendo com que as exportações no primeiro semestre deste ano, atingissem o volume sem precedentes de 122.627 toneladas.

A firmeza que o mercado de milho vem apresentando este ano, servirá provavelmente de estímulo ao aumento no plantio da futura safra.

Amendoim: A colheita da safra das secas não produziu modificações de vulto nos preços registrados no interior do Estado. Assim é que, o preço médio recebido pelos lavradores em junho foi de Cr. \$ 52,50 por sacco de 25 quilos em casa ao passo que em maio esse preço era de Cr. \$ 52,80.

Mamona: Não se registraram alterações de monta no mercado dessa oleaginosa. No interior do Estado, o preço médio recebido pelos lavradores foi de Cr. \$ 4,10 por quilo em junho, praticamente igual ao de maio, que foi de Cr. \$ 4,07.

No primeiro semestre deste ano registraram-se exportação dessa baga pelo porto de Santos num total de 3.776 toneladas, sendo que em igual período do ano passado atingiram eles 5.206 toneladas. Esse ano, entretanto, as exportações de óleo de mamona tem sido bem superiores; pois nos cinco primeiros meses exportou-se por aquele porto 5.877 toneladas, contra apenas 1.898 toneladas saídas no mesmo período do ano passado.

Batata: Apesar da colheita da safra das secas, não sofreu interrupção a alta que vinha se verificando nos preços da batata no interior. Assim, em junho os preços médios recebidos pelos lavradores foi de Cr. \$ 209,60 por sacco de 60 Kg. ou seja Cr. \$ 9,40 a mais que o alcançado no mês anterior.

Banana: Em vista da paralização das exportações para a Argentina, houve sensível diminuição das exportações

dessa fruta, que atingiram em junho somente a 222.780 cachos. Com as saídas nesse mês as exportações no primeiro semestre do corrente ano atingiram a mais de 4,9 milhões de cachos.

Espera-se que no mês de julho se normalizem as exportações, uma vez que foram concluídas em Buenos Aires as negociações entre o Governo Brasileiro e o Argentino visando a assinatura de um novo acordo para a exportação de banana para este país. Foi estabelecida uma cota de 11 milhões de cachos a ser embarcada para a Argentina durante os próximos 18 meses. Ficou, igualmente, estabelecido o preço de 15,40 pesos por cacho nú (verde), ou seja um preço de 40% maior que o fixado anteriormente, e que corresponde a Cr. \$ 38,10 por cacho. Para o cacho empalhado o preço será de 17,50 pesos, ou seja Cr. \$ 43,20.

SITUAÇÃO DA PECUARIA

Pastagens: Dum modo geral, a queda de temperatura e a estiagem reinante durante o mês contribuírem para o declínio das pastagens em muitas zonas do Estado. Em outras porém, pequenas mas oportunas precipitações vieram favorecê-las bastante. As zonas da Noroeste, Araraquarense e algumas secções da alta Sorocabana foram as mais aquinhoadas com as chuvas. As geadas, assinaladas em alguns pontos do Estado, foram fracas e de pequena significação.

Gado de corte: Na Noroeste, principalmente no Setor de Aratuba, nota-se bastante animação entre os criadores e invernistas. Registra-se aí, boa quantidade de bois gordos prontos para embarque bem como interesse pela compra de rezes para engorda. Em Barretos, entretanto, constata-se uma diminuição no número de rezes prontas para o abate, pois, o desenvolvimento da agricultura que lá se observa, tem concorrido para a redução da área pastoril.

Cotações de Barretos: (Associação Rural do Vale do R. Grande)

Bovino magro: Cr. \$ 1.200,00 a Cr. \$ 1.400,00 por cabeça, conforme era, qualidade e partação.

Bovino gordo:	Mercado livre
Novilhos especiais	Cr. \$ 115,00
Novilhos tipo consumo	115,00
Carreiros e marrucos	110,00

Vacas

Cr. \$ 100,00

Houve assim pequeno aumento no preço do boi gordo em relação ao mês anterior, permanecendo no mesmo nível, o preço do gado magro.

Gado de leite: Como sempre acontece nesta época, nota-se sensível redução na produção do leite. Neste ano contudo, o atraso na distribuição da torta de algodão vem contribuindo para agravar o problema, pois o fornecimento de ração para o gado leiteiro, tornou-se muito difícil. Observa-se um olgmor geral por parte dos produtores de leite contra a falta desse alimento.

Em Cruzeiro, acha-se em vias de construção uma usina de grande capacidade para o preparo do leite em pó. Capaz de absorver 80.000 litros diários de leite cru, esta usina virá contribuir para o aumento da capacidade de industrialização do leite em nosso Estado.

Avicultura: Perdura o interesse manifestado pela avicultura. Cresce em todo o estado o número de granjas e o rebanho avícola. No momento, a maior dificuldade com que lu tam os granjeiros é a falta de farinha de carne e farelino de trigo para a alimentação das aves.

Cotação média mensal na Capital: (fornecida pela Associação Paulista de Avicultura)

Ovos de granja	Caixa de 30 dúzias.
Tipo especial	Cr. \$ 360,00
" A	340,00
" B	330,00
" C	300,00
Ovos de casca vermelha	
Tipo especial	380,00
" A	360,00

Aves:

Frango (Rhodes, New Hampshire)	Cr. \$ 17,00 o K. (vivo)
Galinha (" " ")	14,50 " " "
" (Leghorn)	12,50 " " "

Suínocultura: Nada digno de nota a assinalar durante junho, com respeito a suínocultura paulista.

Cotações de Barretos: (Associação Rural do Vale do R. Grande)

Magro: Cr. \$ 480,00 por cabeça (média de 6 arrobas)	
Tipo A: (especiais) Cr. \$ 190,00 por arroba	
Tipo B: (gordo)	180,00 " "
Enxutos:	170,00 " "

ASPECTOS DA SITUAÇÃO DOS FERTILIZANTES EM SÃO PAULO

A utilização de fertilizantes pela agricultura paulista vem crescendo anualmente, desde os meados da década 1920/29, quando teve início em São Paulo um movimento no sentido de incrementar o uso dos adubos entre nós. Observando-se os dados de importação, podemos apreciar o consumo desses produtos químicos desde 1930 até nossos dias.

QUADRO I

IMPORTAÇÃO DE FERTILIZANTES QUÍMICOS PELO PORTO DE SANTOS

ANOS	Toneladas	Valôr CIF Santos Cr.\$1.000,00	Valôr Per tonelada	Nº Índice tonelada	Nº Índice Valôr/ton.
1930	5.861	2.773	473,00	100,	100,
1931	4.957	2.650	535,00	85,	113,
1932	4.337	2.348	541,00	74,	114,
1933	7.657	3.227	421,00	131,	89,
1934	16.257	6.646	409,00	277,	86
1935	20.528	9.644	470,00	350,	99
1936	34.284	15.468	451,00	585,	95,
1937	53.319	21.155	397,00	910,	84,
1938	36.484	17.200	471,00	622,	99,
1939	51.525	26.660	517,00	879,	109,
1940	24.893	15.448	621,00	425,	131,
1941	31.908	19.601	614,00	544,	130,
1942	28.037	20.183	720,00	478,	152,
1943	16.663	16.280	977,00	284,	206,
1944	44.473	42.478	955,00	759,	202,
1945	46.889	44.104	941,00	800,	199,
1946	53.759	44.819	834,00	917,	176,
1947	104.781	-	-	1.788,	-
1948	64.156	-	-	1.095,	-
1949	77.729	-	-	1.326,	-
1950	151.447	-	-	2.584	-
até					
9/7/51	95.302	-	-	3.242, (x)	-

(x) admitindo que este ano importe-se o debré de 95.302 toneladas.-

As importações feitas por Santos até 1940 representa -
vam cerca de 90/95% dos adubos químicos entrados no Brasil.
No quinquênio de 1940/45 essa porcentagem caiu para 85/90% en-
quanto nestes últimos cinco anos ela decresceu mais ainda, en-
chando-se atualmente em torno de 65/70%. Embora São Paulo u-
tilize mais adubos que o resto do país, seu consumo continua
ainda muito restrito. Apenas algumas das nossas culturas eco-
nomicas como o café, algodão, cana e batatinha fazem uso de

fertilizantes e assim mesmo em escala reduzida.

Se considerassemos que as 152.000 toneladas de adubos importados pelo Estado em 1950 tivessem sido aplicadas nos 1.890.000 alqueires cultivados com as principais culturas teriamos apenas incorporado uma média de 80 k. por alqueire. Ainda que aos importados fossem adicionadas as 14.000 toneladas (1) de superfosfatos fabricados em São Paulo o índice de consumo permaneceria praticamente naquele nível.

A pequena utilização de adubos pelos agricultores brasileiros torna-se marcante quando confrontamos nosso consumo com os de outros países de condições agrícolas semelhantes as nossas.

Q U A D R O II
CONSUMO DE FERTILIZANTES POR VÁRIOS PAÍSES - 1948/49

PAÍSES	N	P2 O5	K2 O
	1.000 tonel.	1.000 tonel.	1.000 tonel.
Brasil (2)	7,0	22,0	8,0
Fernesa	20,7	10,4	-
Cereia	110,0	63,0 (3)	27,0
Austrália	13,3	301,8	9,0
Índia	49,2	9,0	-
Chile	8,1	29,6	4,9

Embora o baixo nível técnico de nossos agricultores contribua para essa situação, não podemos deixar de responsabilizar o elevado preço dos fertilizantes agravado pela falta de crédito agrícola como a principal causa que atualmente limita seu consumo entre nós. Podemos ainda apontar a falta de produção nacional adequada e de garantia de preços mínimos para os produtos agrícolas como fator que dificulta a fertilização de nossos solos empobrecidos.

Na situação atual, dependendo do exterior, nossa agricultura obriga-se a restringir o uso de fertilizantes seja pela falta dos mesmos no mercado mundial, seja por falta de transporte marítimo. E se isso não bastasse, temos os preços altos de importação.

Essas dificuldades apontadas contribuíram para limitar nossas importações no ano em curso. O volume dos importados

- (1) Calculamos que a indústria paulista tenha produzido esse volume de superfosfatos em 1950
 (2) O consumo do Estado representou cerca de 70% de Brasil neste ano.
 (3) Semente a Cereia de Sul.

como visto no quadro III está aquém da procura atual de nossos lavradores.

QUADRO III
FERTILIZANTES IMPORTADOS PELO PORTO DE SANTOS
1º Semestre de 1951 - toneladas

ADUBOS FOSFATADOS			
Superfosfatos	32.387		
Fosfato natural	<u>16.504</u>	48.891	
ADUBOS POTASSICOS			
Clerete de potassio	14.640		
Fosfato potassico	1.260		
Sulfato potassico	<u>901</u>	16.801	
ADUBOS NITROGENADOS			
Salitre do Chile	4.957		
Sulfato de amonio	10.653		
Nitrato de amonio	-		
Uréia	<u>173</u>	15.783	
ADUBOS INDISCRIMINADOS	<u>899</u>	899	82.374 ton.

Se as importações mantiverem-se neste ritmo, as quantidades importadas ainda que acrescidas das 20 a 25.000 toneladas de superfosfatos das indústrias paulistas e 3.000 de sulfato de amonio de Volta Redonda não serão suficientes para suprir a lavoura paulista em 1951, pois, estimamos que 120.000 toneladas de fosfatados(1), 40.000 de potássicos(1) e 40.000 de nitrogenados(1) poderiam ser consumidos pelos agricultores de São Paulo nas condições de preços vigorerantes em junho último.

No presente momento, os últimos acontecimentos nos levam a crêr que o mercado de adubo ao contrário do que se esperava tenderá a melhorar nos proximos meses. Isto pode ser atribuído as esperanças de paz na Coreia, a maior disponibilidade de navios cargueiros e a prioridade de atracação dos mesmos em Santos. Não cremos, porém, em redução de preços para breve pois as taxas de fretes estabelecidas pelos armadores, têm se elevado de setembro último para cá, como pode ser visto a seguir:

QUADRO IV
FRETES MARITIMOS PARA ADUBOS

	30/9/50	28/2/51	30/6/51
LINHAS DA EUROPA			
Tarifa de conferência	Cr.\$ 234,00	Cr.\$ 397,00	Cr.\$ 423,00
LINHAS DOS U.S.A.			
Tarifa de conferência	432,00	493,00	
Tarifas livres p/adubos fosfatados	118/177,00	354/393,00	529,00

(1) Somente o grupo dos químicos.

Adicionadas essas despesas ao preço CIF Santos para os adubos importados em janeiro, fevereiro, março e abril, teremos seus preços de custo posto armazem como visto no quadro VII; este também nos mostre as margens obtidas pelas firmas, admitindo-se que esses produtos tenham sido vendidos pelos preços médios vigorantes em abril, pois, sempre decorre um período de 30 a 60 dias entre a compra e a chegada do produto no país.

QUADRO VII

PREÇOS DE CUSTO E MARGEM DE VENDA DO COMÉRCIO

ADUBOS	Preços de	Preços de	Margem de	Preço de Custo
	Custo	Venda	Venda	
	Cr. \$	Cr. \$	Cr. \$	%
Superfosfatos simples	1.030,00	1.500,00	470,00	46 %
Cloreto de potássio	1.838,00	2.790,00	952,00	52 %
Salitre do Chile	1.492,00	1.843,00	357,00	30 %
Hiperfosfatos	1.055,00 (1)	1.355,00	300,00	28 %
Sulfato de amônio	1.933,00	2.890,00	957,00	50 %

(1) Além das despesas citadas, o hiperfosfato é onerado de Cr. \$75,00 para descarga.

Si tivéssemos feito o cálculo usando os preços CIF Santos de junho e os preços de venda de julho, obteríamos para a margem de venda números semelhantes aos especificados no quadro VII, com excessão da margem do hiperfosfato que se eleva para Cr. \$ 407,00 ou seja 35% sobre o preço de custo.

Para determinermos o lucro auferido pelas firmas, precisamos subtrair da margem de venda outras despesas necessarias para a comercialização do produto, as quais são, por tonelada:

1- Carga de adubos	Cr. \$ 10,00
2- Armazenagem durante 3 a 4 meses ...	10,00
3- Juros sobre o valor do produto (3 meses)	3%
4- Impostos de vendas e consignações ..	3%
5- Comissão do agente vendedor	5%
6- Juros sobre a venda a prazo	3%
7- Despesas gerais (administração, seguro, propaganda, impostos, ordenado, escritório, etc., etc..)	6%

Uma vez calculado todos esses itens para cada adubo, po-

demos apresentar os números abaixo que devem ser os lucros obtidos na venda daqueles produtos (1) no período mencionado.

QUADRO VIII

LUCRO ECONÔMICO DAS FIRMAS DE ADUBOS SIMPLES (1)

ADUBOS	Margem	Outras despesas	Lucro Econômico
	Cr. \$	Cr. \$	Cr. \$
Superfosfatos simples	470,00	226,00	244,00
Cloreto de potássio	952,00	387,00	565,00
Salitre do Chile	357,00	318,00	39,00
Hiperfosfato	300,00	231,00	69,00
Sulfato de amônio	957,00	406,00	551,00

(1) É possível que algumas despesas tais como: imposto sobre renda e depreciação, não tenham sido computados, mas isso, possivelmente não contribui para alterar muito o lucro achado.

Por lucro econômico entende-se o ganho auferido pelo empresário depois que todos os gastos necessários para conduzir os negócios - custo do produto, salários, taxas, impostos, depreciação, remuneração do capital, propaganda, ordenado do próprio dirigente da firma, etc., terem sido cobertos. Em outras palavras, lucro econômico é o ganho resultante da venda do produto por preço acima do custo normal do mesmo.

As considerações aqui feitas levaram em conta apenas o caso dos fertilizantes simples, pois o comércio de misturas de adubos apresentam outras características.

(1) Uma vez considerado que os adubos adquiridos no primeiro trimestre tenham sido vendidos aos preços vigentes em abril.

SUPRIMENTO DE INSETICIDAS PARA
A DEFESA DA LAVOURA ALGODOEIRA

Escassês de Produtos Clorados Para Atender
o Aumento de Consumos:

Sebastião Gonçalves da Silva
Instituto Biológico

Nenhuma prática agrícola evoluiu tão rapidamente, nos últimos anos, como a utilização dos modernos inseticidas na lavoura algodoeira. A confirmação disso nós a temos na análise das quantidades utilizadas nessa altura, nos últimos três anos agrícolas: em 1948/49, foram consumidas cerca de três mil toneladas; em 1949/50, atingiu cinco mil, em 1950/51 ultrapassou o seu emprego a onze mil toneladas e as previsões que fizemos, num trabalho em colaboração com o engenheiro H.S. Lepage, admitimos para o próximo ano agrícola um dispêncio em torno das vinte e cinco mil toneladas.

Fontes de Suprimento de Inseticidas: Para atender a tal previsão, contamos com duas fontes de suprimento dos vários tipos de inseticidas - a importação e a produção nacional. Através da importação, devemos obter principalmente os produtos clorados, como DDT, BHC e canfeno clorado, além de enxôfre, que entra na composição de misturas; a produção nacional nos fornecerá uma pequena quantidade de BHC e praticamente todo o produto fosforado de mais larga utilização, que é o tiofosfato.

As necessidades dos diversos inseticidas para a lavoura algodoeira foi calculada nos seguintes números: BHC a 12%, 3.500 toneladas; DDT a 50%, 1.380 ton.; Canfeno clorado a 40%, 1.800 ton.; canfeno clorado a 40%, molhável, 250 ton.; enxôfre malha 325, 6.500 ton.; tiofosfato, pó, 3.000 ton. e tiofosfato líquido, 182 ton. A indústria nacional encontra-se preparado para fornecercerca de 1.000 ton. de BHC e todo o diofosfato, ficando os demais produtos na dependência de aquisição no estrangeiro.

Escassês de Materias Primas: As duas principais materias primas para a fabricação dos inseticidas clorados são o benzol e o clozo. Apesar da constante ampliação das fontes de obtenção desses produtos, o seu consumo tem ultrapassado e produção, devido a três fatores: -

- 1) o aumento de cada vez maior consumo de inseticidas, tanto nos Estados Unidos como nos países que aí se estabelecem;

- 2) a utilização cada vez maior dessas materias primas em varias industrias;
- 3) e, sobretudo, o seu desvio para o esforço bélico, em que empenham os americanos.

Em consequência disso, a situação não é muito favorável para a obtenção de maiores quantidades de DDT, canfeno clorado e BHC, cuidando as nossas firmas importadoras, em muitos casos, de buscar tais inseticidas em outros países, onde igualmente não ocorrer abundancia.

Também o enxôfre que, como dissemos, constitui parte integrante das misturas de mais larga utilização entre nós, é um produto escasso, que se encontra mesmo em regime de racionamento internacional em consequência do que seus preços têm subido de maneira alarmante.

Tendência para o Aumento do Consumo: A tendência será para aumentarmos, em futuro, próximo, o consumo de inseticidas na lavoura de algodão, em virtude de estar demonstrado constituírem os mesmos, o fator mais decisivo para o aumento dos rendimentos. Com a área de 500 mil alqueires de algodoeais, temos uma capacidade de consumo de 50 mil toneladas de inseticidas, no mínimo. Em outras culturas, como o café, amendoim e batata, já os modernos inseticidas são empregados, em maior ou menor escala; e existem ainda outros campos nos quais terão aplicação, como nos pomares, hortas, desinfestação de estábulos, pocilgas, etc..

Necessário Ampliar a Produção Nacional: Deveríamos, assim, desde já, cuidar de promover o desenvolvimento da indústria nacional de inseticidas, para atender ao aumento de procura que se avizinha. A ampliação da produção do BHC, aproveitando o benzol que poderá ser fornecido pela Cia. Siderúrgica Nacional, a instalação de fábricas de DDT, e estudos em torno da obtenção de um sucedâneo do canfeno clorado, deveriam constituir a preocupação inicial. A par disso, pesquisar a possibilidade do aproveitamento do enxofre do carvão nacional, assunto aliás, já em cogitação.

Para estimular o desenvolvimento da indústria nacional de inseticidas, poderia o governo facilitar a importação de aparelhamentos destinados à montagem das fábricas, estabelecendo outrossim favores fiscais para as mesmas. E paralelamente, desenvolver campanhas através dos seus órgãos de fomento agrícola, promovendo mais largo emprego dos modernos inseticidas, assegurando mercado amplo, capaz de permitir a sua produção a preços baixos.



LEGENDA

- SETES DAS REGIÕES AGRÍCOLAS
- MUNICÍPIOS
- ▬ DIVISA DE SETORES
- ▬ DIVISA DE MUNICÍPIOS

SECRETARIA DA AGRICULTURA
 DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
 DIVISÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
 EM SETORES, RECEILOS AGRÍCOLAS
 LAS E MUNICÍPIOS
 1950